

Esta pulsão... é de morte!

Ruben Abel Trucco
Eveline Alperowitch

A afirmação da pulsão de morte por Freud embaralha novamente as cartas da psicanálise. Medir a extensão desta re colocação não é tarefa fácil

1920

Em *Além do Princípio do Prazer*¹ a idéia de uma pulsão de morte fica definitivamente afirmada por Freud. Sabemos que não se trata de algum retoque à teoria, que poderia ser acrescido sem maiores esforços. Pelo contrário, implica algo como embaralhar e distribuir novamente todas as cartas. Medir a extensão desta re colocação, as áreas afetadas, os deslocamentos produzidos, não é tarefa fácil. A pulsão de morte veio para confundir o que não deixa de evocar antecipadamente uma das dimensões possíveis da pulsão de morte: aquela que privilegia seu caráter disruptor, disjuntivo, “pronto para recomeçar”.

Ou, ainda, esse caráter de intruso, de conviva indesejado, de surpresa desagradável com que se apresenta aquilo que Freud começa a chamar “pulsão de morte”. E isto se pode aplicar tanto ao sujeito quanto à teoria.

Importa — acreditamos — lembrar o que Freud visava ao introduzir o conceito em 1920. Estava em causa a compulsão à repetição, isto é, aquilo que não pode ser explicado (ou abarcado) pelo princípio do prazer, até esse momento invocado como princípio regente do acontecer psíquico. Depois de estudar os sonhos dos traumatizados, as brincadeiras das crianças, o

Ruben Abel Trucco e Eveline Alperowitch — psicanalistas, membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

aparente destino demoníaco dentro e fora da análise, a atuação em vez da lembrança elaborada, Freud conclui que:

“O que resta é suficiente para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, e esta nos aparece como mais originária, mais elementar e mais pulsional que o princípio do prazer que ela **destrona**.”²

A última palavra da frase é contundente: destrona. Não se trata de uma mera exceção (como aquelas das regras ortográficas, exceções que não anulam a própria regra). Tampouco de uma suspensão eventual do princípio do prazer, ou de algo que apenas o preceda mas, uma vez instalado, lhe permita reinar soberano. Não, o prazer enquanto princípio é destronado, destituído; embora o texto nos mostre também Freud preocupado, interrogando-se se não haveria forma de continuar validando-o. Tenta, mas conclui que não. Depois de analisar de mil maneiras os exemplos de que lança mão, isola sob o nome de compulsão à repetição aquilo que se lhe tornou irreduzível, irremediavelmente fora — isto é, além — do princípio do prazer.

Neste ponto, gostaríamos de alinhar algumas questões espinhosas que o texto nos coloca. **Primeiro:** derrocada do princípio do prazer, não implica por tabela um questionamento do “ponto de vista econômico”? É que Freud sempre sustentou que o prazer ou desprazer são a face subjetiva de fenômenos de aumento ou diminuição de quantidades de excitação. Acumular tensão é desprazer, descarregar é prazer. No intervalo, a idéia freudiana do psiquismo como aparelho a serviço de uma homeostase energética. Porém, essa forma de conceitualizar prazer e desprazer nunca esteve isenta de problemas. Lembremos o paradoxo do prazer sexual preliminar, em que é evidente que o aumento da

tensão aparece como prazer. Lembremos as dificuldades colocadas pelo prazer de órgão: há prazer “funcional” porque o órgão funciona adequadamente, ou há prazer porque o órgão está investido libidinalmente e — mais importante ainda — porque está carregado de sentido? Da mesma maneira, uma mão sobre o corpo pode ser muito prazerosa ou muito desprazerosa. Tudo depende não do estímulo ou excitação enquanto coisa física, mas do sentido simbólico que carregue. Enfim... Pois bem; se aparece alguma coisa que contraria

Uma mão sobre
o corpo pode ser muito
prazerosa ou muito
desprazerosa.
Tudo depende não do
estímulo ou excitação
enquanto coisa física,
mas do sentido
simbólico que
carregue

frontalmente o tal do princípio do prazer, que o destrona, como diz Freud, e a compulsão à repetição não dá sinais de estar preocupada com a homeostase, poderia se pensar que a idéia do **Homo energeticus** está fazendo água. Um pouquinho mais de boa vontade e poderíamos entrever os contornos do **Homo simbolicus** se candidatando para substituí-lo. Sem dúvida, é por tê-lo enfatizado que a psicanálise francesa do pós-guerra se mostrou tão fecunda. No entanto, não é por aí que vai Freud, no A.P.P.

Pela razão simples de que reintroduz a idéia da homeostase por outra via. A saber, atribuindo os fatos da compulsão à repetição a uma pulsão de morte, e esta empenhada em diminuir as tensões, como tendente ao inorgânico.

Esta é uma **segunda** questão que queremos assinalar. Da compulsão à repetição à postulação da pulsão de morte há um salto enorme. Freud mesmo se encarrega de assinalá-lo no comecinho do capítulo seguinte, mas não somente aí:

“O que se segue é especulação, freqüentemente de amplo alcance, que cada um valorizará ou desdenhará, de acordo com sua posição subjetiva”³.

A esse respeito, confessamos ter obtido certo conforto (afinal, quem não precisa...?) com a leitura do **Seminário 2**, de Lacan. Nele vemos desfilar, pelas bocas de Pontalis, Leclaire, Hyppolite, Manoni e mais alguns, precisamente esta pergunta: “Mas por que este salto da compulsão de repetição até um instinto de morte?” “Por que chamar instinto de morte essa compulsão à repetição?” “Não é isso enigmático demais?” (Noutras palavras: tem um efeito consolador estar em boa companhia, mesmo que um tanto atordoados pela magnitude do enigma).

E Lacan desdobra-se para cercar o problema a partir de uma infinidade de ângulos, de uma maneira que mereceria ser chamada de polifônica, mas que não pretendemos resenhar aqui. Guardemos, desta vez tomando uma formulação de García-Roza, que o recurso à biologia não fornece a Freud uma base segura para isolar o que seria a pulsão de morte⁴.

São inúmeras as dificuldades decorrentes deste apelo maciço à biologia na tentativa de definir a pulsão de morte. A principal sem dúvida é que, instalando e descrevendo a pulsão no reino biológico, se perde a possibilidade de caracterizá-la, entendê-la como aquilo

que é especificamente humano. O que, no entanto, é o objetivo explícito de Freud ao introduzir o conceito de pulsão, nos "Três Ensaaios sobre a Sexualidade": fundamentar as características diferenciadas da sexualidade humana e a constituição do mundo (e do sujeito) que disso deriva. É bastante claro que, se a pulsão opera tanto em nós quanto nos infusórios e nas células, mal se vê o que poderia estar querendo abarcar um conceito como pulsão. Por que não falar de instinto nesse caso? E em particular, num nível de vida apenas orgânico, sem linguagem, sem cultura, sem intersubjetividade, como recuperar e manter a imbricação (ou mesmo a dependência) disto que chamamos pulsão, com os fenômenos simbólicos?

Procuraremos voltar no final deste trabalho a algumas destas questões. Na medida em que não se trata de conclusões teóricas tiradas de um caso clínico (em que poderíamos talvez concretizar um pouco mais de que "morte" se trata), a biologia intervém para tornar apreensível um conceito que não é a transposição de uma observação para a teoria, mas o produto de uma vasta especulação. Disso resulta um encaminhamento do qual no mínimo se pode dizer que é abusivo, desnorteante. O recurso à biologia, pelo que tem de problemático, não é convincente. Sentimos tanto mais isso na medida em que habitualmente Freud prima pela clareza e qualidade argumentativa, que produzem imediatamente um efeito de convicção. ("Nem eu mesmo estou convencido", dirá um pouco à frente. Mas acrescenta que se trata de "uma tentativa de explorar conseqüentemente uma idéia, por curiosidade de saber para onde leva".) Outras palavras, "especular é preciso".

O recurso à biologia, em suma, não convence. Mas, sem recorrer à biologia, não saberíamos dizer por que a nova pulsão postulada é "de morte". Freud a batiza "de morte", porque insere o

observável da repetição que não pode ser prazerosa, nessa ampla especulação sobre a volta ao inorgânico, à morte biológica como diminuição das tensões.

Se momentaneamente esquecermos essa vasta elaboração, com o mesmo direito poderia ser falar de "pulsão de repetição", "pulsão de desprazer", "pulsão antieconômica". Apressamo-nos a entender quais os problemas que, na formulação que Freud lhe dá em 1920, nos colocam a pulsão de morte.

Seria diferente (também a título de exemplo), se Freud concluísse

O recurso à biologia,
em suma, não convence.
Mas, sem recorrer
à biologia, não saberíamos
dizer por que a nova pulsão
postulada é "de morte"

se postulando a pulsão de morte, depois de analisar o fenômeno do suicídio humano, a psicologia do assassinio ou qualquer coisa em que o atributo "de morte" se tornasse mais concreto. Em todo caso, por aí caminha o "Mal-Estar na Cultura" ⁶ e aí poderemos repensar o que acontece...

Parece evidente que essa abrangente construção biológica não pode hoje em dia ser levada muito a sério, e que isso é ponto pacífico na psicanálise atual. Menos evidente talvez é o fato de que tampouco se aclara muito se ce-

dermos rapidamente à tentação de dizer: "Não... o que acontece é que se trata de um mito".

Pois, se olharmos o texto a partir desse ponto de vista, teremos como resultado duas coisas muito claras e um enigma. Do lado da clareza: a constatação, grávida de conseqüências, de que para além do prazer há alguma outra coisa, um resto, algo que foge e faz ranger a articulação de que Freud dispunha até esse momento. Dito com a crueza que às vezes a gíria confere a uma expressão: "Entrou areia". Podemos até continuar raciocinando apenas como vinhos fazendo: Freud mesmo não deixará de fazê-lo.

Mas o fato é que entrou areia, e ainda não está claro o que isso significa. Por outro lado, esse resto aparece como compulsão à repetição. Esse é o observável clínico irreduzível, o que teremos que integrar à teoria. Até aqui, podemos dizer, como Freud, que ao menos temos claro quais as coisas que estão obscuras.

O enigma é então: por que chamar isso de pulsão de morte, já que o que deveria autorizá-lo (no texto que estamos comentando, no A.P.P.), a especulação biológica, não nos parece conclusivo?

E, ao mesmo tempo, nossa experiência cotidiana de psicanalistas torna impossível prescindir da idéia de pulsão de morte. Isso não é menos enigmático: aquilo que teoricamente não estamos podendo definir de uma maneira convincente é, no entanto, a mesma coisa de que não podemos prescindir. A onipresente culpabilidade, o superego tirânico, todas as reações negativas na clínica, o masoquismo, a agressividade e o ódio são outras tantas manifestações desse "resto" que jamais poderia ser explicado pelo princípio do prazer e seu derivado, o princípio de realidade. Esses fenômenos estão pedindo aos gritos a introdução de um princípio outro que os torne manejáveis, que os integre numa nova racionalidade.

Isso é indiscutível. Mas será que basta postular em abstrato um outro princípio, outra força, para que tudo se encaixe harmoniosamente outra vez? Se o Bem não nos basta para entender a variedade da vida humana, será que apelar para o Mal — enquanto força abstrata — nos deixa em melhor situação? Porque, nesse caso, deveríamos tentar explicar de onde é que vem o que chamamos Mal. Dito de outra maneira: as pulsões têm uma gênese, ou apenas estão aí, “desde a eternidade”? A pulsão de morte que habita cada sujeito tem alguma coisa a ver com a história mesma desse sujeito, ou é alguma coisa comparável às forças físicas — à força gravitacional, por exemplo — que em absoluto depende de qualquer subjetividade? Essa é a pergunta que nós fazemos.

Mas acabamos de falar de agressividade e ódio, que quase não aparecem no A.P.P., e se tornam centrais no livro sobre a Civilização.

1930

Tomamos agora o texto “O Mal-Estar na Cultura”. Dez anos depois da estréia, a pulsão de morte continua firme em cartaz. Mas há matizes, ênfases...

Não é de biologia que se trata: não são células nem indivíduos isolados. Trata-se de seres humanos, na única forma em que eles podem existir:

“O ser humano não é um ser manso, amável, na pior das hipóteses capaz de se defender se o atacam; ao contrário, é possível atribuir à sua dotação pulsional uma boa quota de agressividade. Como consequência, o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem o seu consenti-

mento, despojá-lo do seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo”.

(...)

“Quem se recorda do espanto das invasões bárbaras, das incursões dos hunos, dos chamados mongóis sob o comando de Gengis Kahn e Tamerlão, a conquista de Jerusalém pelos piedosos cruzados, e apenas ontem, os horrores da última Guerra Mundial, só poderia se curvar desanimado diante da verdade objetiva dessa concepção”⁷.

Dez anos depois
da estréia em
“O Mal-Estar na Cultura”,
a pulsão de morte
continua firme
em cartaz.
Mas há matizes,
ênfases...

Um primeiro impacto que essa citação nos produz, poderíamos chamar de estilístico. Freud se esmera na eloquência para escolher os dados históricos mais gritantes, abusivos, de violência e maldade humanas. E diz que essa agressividade faz parte da dotação pulsional do ser humano. Ele mesmo se surpreende diante das suas vacilações anteriores em admitir alguma outra pulsão, um princípio diferente da sexualidade no devir do conflito no psiquismo, na sociedade e na cultura. Freud se orienta, assim, para teorizar sobre a pulsão de

morte pelas manifestações da maldade humana. Em algumas passagens, parece que a agressividade dirigida a outrem é ela mesma uma disposição pulsional. Como se em vez de pulsão de morte nos falasse de pulsão agressiva. Porém, quando teoriza, não afirma isso (que seria, grosso modo, a posição da Psicologia de Ego americana, a saber: pulsão sexual e pulsão agressiva). Estabelece essa agressão voltada para o exterior como **uma das manifestações** da pulsão de morte.

Uma citação da “Carta a Einstein” mostra com clareza os dois movimentos que tentamos apreender: o relevo, quase a independência outorgada à agressão não erótica dirigida para o exterior, e a relativização teórica.

“Supomos que as pulsões do ser humano são de duas classes (as eróticas)... e outras que querem **destruir e matar**. Reunimos estas últimas sob o título de pulsão de agressão ou de destruição. Como vê o senhor., é apenas a transfiguração teórica da universalmente conhecida oposição entre amor e ódio. (...) Pois bem, com algum gasto de especulação chegamos à concepção de que ela trabalha dentro de todo ser vivo e se esforça em produzir sua decomposição, em reconduzir a vida ao estado da matéria inanimada.

(...) A pulsão de morte se torna pulsão de destruição quando é dirigida para fora(...) porém, uma porção da pulsão de morte permanece ativa no interior do ser vivo, e temos tentado deduzir uma série de fenômenos normais e patológicos dessa interiorização da pulsão destrutiva”⁸.

Convenhamos que por momentos não é fácil decidir se Freud fala de uma pulsão agressiva que pode se interiorizar, ou de uma pulsão de morte que pode se exteriorizar. Embora saibamos que a

posição mais “oficial” seja esta última, e que Freud trata explicitamente de conseguir uma formulação abrangente o bastante para que nela caibam tanto as hipóteses biológicas de A.P.P., quanto os exemplos de destruição analisados no M.E.C.

Dizíamos acima que há matizes na forma em que aparece a pulsão de morte em 1930. Justamente, se enfatizamos a importância conferida por Freud ao destrutivo e agressivo dirigido ao exterior, à maldade, à violência, não é com o intuito de fundamentar uma concepção que negue a pulsão de morte, ou tente reduzi-la apenas a uma pulsão agressiva para fora. Mas estamos tentando entender quais são os referentes que em cada momento de sua elaboração Freud toma para afirmar a existência de uma pulsão de morte.

Referentes: chamamos de referentes os fenômenos ou observáveis clínicos que “pedem”, para sua compreensão, que postulemos a pulsão de morte. Assim, podemos dizer que, da mesma maneira que o A.P.P. nos dá como referentes a compulsão à repetição e a insistência do desprazer, M.E.C. nos dá como referentes essa agressividade e destrutividade universalmente estendidas.

A ênfase na agressividade e destrutividade entra aqui, em 1930, como outro referente da hipótese da pulsão de morte. Repetimos, daquilo que não se pode ter dúvida que está, mas gostaríamos de saber melhor o que é, a ênfase na agressividade não deve ser subestimada, no afã de privilegiar a característica mais marcadamente **auto**-agressiva de que Freud fala no A.P.P. Parece que Laplanche não dá o relevo que Freud quis dar a essa maneira de entender a agressividade teorizada no M.E.C. E, neste sentido, gostaríamos de comentar a posição de Laplanche em seguida.

Se se acredita num princípio, não se cessará de ver suas manifestações por toda parte. E a recí-

proca também é verdadeira. Se não acreditamos na pulsão de morte, não será fazendo o recenseamento das maldades do mundo que iremos ganhar a convicção de que ela existe.

Sempre se poderá teorizar a maldade sem lançar mão de uma pulsão específica. Freud não fez outra coisa até 1920. A novidade de ver a agressividade, antes de outorgar um referente mais convincente à pulsão de morte, ao contrário, **decorre** da nova formulação da dualidade pulsional... “não sei mais pensar de outra ma-

Sempre se poderá teorizar a maldade sem lançar mão de uma pulsão específica. Freud não fez outra coisa até 1920. A novidade de ver a agressividade, antes de outorgar um referente mais convincente à pulsão de morte, ao contrário, **decorre** da nova formulação da dualidade pulsional...

neira”, dirá Freud.

Assim, se o A.P.P. só pode fundamentar muito especulativamente a noção de pulsão de morte, a concretude e a eloquência do M.E.C. apenas à primeira vista parecem torná-la mais concreta, ou postulá-la de forma menos controversa. Mas a rigor se trata de uma petição de princípios. Encontramos na destrutividade humana uma prova de pulsão de morte, apenas à medida que acreditamos que ela existe e se manifesta dessa maneira.

Freud sentiu essa dificuldade.

Mesmo no M.E.C., depois de advogar pela independência e autonomia da pulsão de morte, acrescenta uma espécie de “senão”, ao falar da sua mistura com a pulsão sexual:

“Mas ainda onde emerge sem propósito sexual, inclusive na mais cega fúria destrutiva, é impossível desconhecer que sua satisfação se enlaça com um gozo narcisista extraordinariamente elevado, na medida em que mostra ao ego o cumprimento dos seus antigos desejos de onipotência”.

Quer dizer, aquilo que aparece como agressividade pode estar vinculado — de fato está — a uma satisfação narcisista, portanto libidinal, e não à presença de uma hipotética pulsão de morte.

Antes de 1920 Freud sempre atentou para a agressividade, a crueldade, o ódio, mas se referia à primeira dualidade pulsional.

Desde os “Três Ensaio”, Freud faz derivar a crueldade, a hostilidade, a agressividade das pulsões de autoconservação. “Uma certa dose de agressão é necessária para a autoconservação”, diz Freud aproximadamente em 1905. Ou, então, ainda em 1915 (“Pulsões e suas Vicissitudes”) afirma que o protótipo do ódio são as pulsões do ego, tentando estabelecer uma continuidade entre as “pulsões de domínio” (esforços da criança que quer tomar o controle de seus membros) e o sadismo quando dirigido a um objeto. Encaminhamento problemático também, posto que não focaliza aquilo que constitui o traço diferencial do sadismo: a questão do sofrimento, do sofrimento do outro ou de si mesmo, no caso do reverso masoquista.¹⁰

Atribuindo à agressividade à pulsão de morte subjacente, por certo que a agressividade fica melhor travejada na teoria. Possibilita essa “simplificação sem coação” que Freud invoca no mesmo texto, quando historia as suas idéias

as sobre as pulsões. No capítulo VI do M.E.C., Freud explicita este movimento:

“A pulsão sádica, se destacava sem dúvida devido ao fato de que sua meta não era precisamente amorosa e, ainda assim, era evidente que em muitos aspectos se anexava a pulsões egóicas(...) **não podia ocultar seu estreito parentesco com pulsões de apoderamento, sem propósito libidinoso. Havia ali algo discordante, mas não foi levado em conta.**”

(. . .)

“Admito que no sadismo e no masoquismo temos tido sempre diante dos nossos olhos as exteriorizações da pulsão de destruição, dirigida para fora e para dentro.”¹¹

Nesse trecho, Freud nada mais faz que extrair as conseqüências — retroativas, podemos dizer — da introdução da nova pulsão para o resto da teoria. Nunca é demais insistir no perigo de lermos Freud “cronologicamente”, com o risco de ficarmos grudados em formulações posteriormente descartadas. A pulsão de morte, enquanto conceito, é comparável ao ponto de interrogação na gramática da língua portuguesa: quando aparece, já lemos a frase e temos que voltar atrás para captar o sentido. Na teoria também vale o **après-coup**.

O que complica ainda mais a questão é que, mesmo depois de formalmente afirmada e copiosamente teorizada a pulsão de morte, nem sempre Freud deixa de pensar como antes de tê-la afirmado.

Os autores do **Vocabulário** assinalam quão pequeno é o papel reservado à pulsão de morte num texto como “Inibição, Sintoma e Angústia”, “onde é reconsiderado o conjunto do problema do conflito neurótico”¹². Poderíamos acrescentar que algo similar podemos

observar em dois textos posteriores a 1920, nos quais Freud está voltado menos para a especulação teórica e mais para analisar dois casos concretos. Em que, por isso mesmo, seria especialmente útil ver a pulsão de morte “funcionando”, por assim dizer.

Referimo-nos a “Dostoiévski e o Parricídio” de 1927, e ao estudo sobre o “Presidente Wilson”, de 1933 (estimativamente). Em ambos, Freud menciona a pulsão de morte nos momentos em que faz uma rápida apresentação dos postulados mais gerais da psicanálise.

Mesmo muito tempo depois de introduzir o conceito, a pulsão de morte ainda “resiste” a uma integração plena e isenta de ambigüidade na teoria.

Mas, no decorrer da análise concreta, faz depender a agressividade, o ódio, a hostilidade e os impulsos criminais novamente da decorrência do Complexo de Édipo, em que o menino hostiliza o pai porque este se interpõe no seu caminho em direção à mãe, mas sem atribuir essa hostilidade à pulsão de morte. Ou, então, o superego — que M.E.C. fora enfaticamente declarado o representante da pulsão de morte no psiquismo — volta a ser tematizado como produto de identificações apenas. Ou, ainda, os traços masoquistas de Dos-

toievski, assim como seu intenso sentimento de culpa, são explicados como conseqüência da feminilidade constitucional particularmente intensa. Isso quando grande parte do Mal-Estar é dedicada a caracterizar masoquismo e culpa como manifestações de Tanatos.

São exemplos. Há mais e sua consideração pormenorizada exigiria outros estudos e outros desenvolvimentos. Tomamo-los para assinalar que, mesmo muito tempo depois de introduzir o conceito, a pulsão de morte ainda “resiste” a uma integração plena e isenta de ambigüidade na teoria. Bem pensado, talvez seja mais legítimo afirmar que o resto da teoria é que “resiste” à inclusão da pulsão de morte. E isto em decorrência das próprias dificuldades da noção, e muito embora a certeza subjetiva ou intuitiva que a clínica nos impõe a respeito de sua existência.

Nessa linha, podemos perceber o eco longínquo da frase de Freud em “O Ego e o Id”:

“Continuamente fazemos a experiência de que as moções pulsionais que podemos estudar se revelam como derivados de Eros. Se não fosse pelas considerações desenvolvidas em A.P.P. e, ultimamente, pelas contribuições sádicas a Eros, nos seria difícil conseguir manter a intuição básica dualista”¹³.

O que reafirma nossa impressão de que é mais simples postular a pulsão de morte do que dar conta dela, tanto se apontamos a um **“o que é”**, quanto a um **“como funciona”**.

Em que ponto estamos então, depois desse caminho que parece não nos ter levado a parte alguma? Diríamos que, se a biologia não nos tirou do atoleiro, tampouco saímos dele inventariando as manifestações da maldade humana para dizer a nós mesmos que isso é a pulsão de morte. Mas, virando a frase pelo avesso, achamos im-

prescindível guardar que, para Freud, a pulsão de morte **também** está na base do arsenal de iniquidades que, enquanto humanos, cometemos. Também a agressividade é um **referente** da pulsão de morte.

Laplanche

Um certo número de teses sobre a pulsão de morte que aparecem sugeridas no **Vocabulário**, desenvolvidas em **Vida e Morte em Psicanálise**¹⁴ e sintetizadas no artigo reproduzido no livro **Pulsão de Morte**¹⁷, parece-nos contradizer e restringir o alcance das formulações de Freud, conforme vimos até agora neste trabalho. Não somos da opinião que a melhor leitura é aquela que leva em conta **tudo** o que um autor diz. Como em qualquer domínio, há algumas heranças a que é preciso renunciar. Mas, neste caso, e dada a dificuldade de cingir o que está em causa no conceito de pulsão de morte, apostamos que, num primeiro momento, é útil não desatender à variedade das “aparições” da noção, seus múltiplos referentes.

Um primeiro relance, propriamente visual se quisermos, decorre de que o esquema “cinematográfico” ou de histórias em quadrinhos que Laplanche nos oferece acaba em 1920. Nada do que Freud diz no M.E.C. sobre a pulsão de morte aparece nesse esquema. Isso é apenas uma intuição gráfica, mas se conjuga bastante bem com outras apreciações de Laplanche. A começar pela de que Freud sempre teria se recusado a postular uma “destrudo”, isto é, uma energia própria e específica da pulsão de morte. Inútil questionar o fato de que Freud, efetivamente e durante muito tempo, não pôde postular essa “destrudo”. Mas também é preciso atentar, por exemplo, para esta citação, tirada do M.E.C.:

“O nome de libido pode aplicar-se novamente às exteriorizações de força de Eros, a fim

de separá-las da **energia da pulsão de morte**”¹⁵.

Assim, parece-nos muito mais conforme ao espírito do texto freudiano dizer não que Freud “se recusou” a postular uma “destrudo”, mas estava inclinado a formulá-la, só que não pôde isolá-la com clareza suficiente. Não pára de se lamentar pelo fato de não poder oferecer um equivalente claro da libido. Mas não podemos nem por um instante supor que essa ausência de uma “destrudo” obedeça, no pensamento freudiano, a algum in-

Assim, parece-nos muito mais conforme ao espírito do texto freudiano dizer não que Freud “se recusou” a postular uma “destrudo”, mas estava inclinado a formulá-la, só que não pôde isolá-la com clareza suficiente. Não pára de se lamentar pelo fato de não poder oferecer um equivalente claro da libido.

tuito de negar a especificidade e a autonomia da pulsão de morte enquanto princípio separado e oposto às pulsões sexuais. Isso aparece como um limite, como aquilo que está aí, mas não pode ser enxergado, trabalhado, demonstrado. Não fosse assim, o A.P.P. não teria aquele peso que o faz equivalente ao lapidar “não acredito mais na minha **neurótica**”, da conhecida carta a Fliess¹⁶.

Uma coisa inteiramente semelhante ocorre com outra afirmativa de Laplanche: “Freud mantém até o fim, apoiado em argumentos,

que o recalque se aplica, por exceção, à sexualidade”¹⁷.

Certamente que o recalque da sexualidade é a parte mais segura da teoria; foi por aí que Freud começou com as histéricas, mas nesse ponto se torna mais importante atentar preferentemente para os novos balbucios que Freud tenta enfatizar aquilo que está garantido. Outra frase do M.E.C.:

“(…) nos tenta formular este enunciado: quando uma aspiração pulsional sucumbe à repressão, seus componentes libidinosos são transpostos em sintomas, e seus componentes agressivos em sentimentos de culpa. **Este enunciado mereceria nosso interesse ainda que somente seja correto como uma aproximação global**”¹⁸.

É a indicação mais formal de que Freud se esforça por tratar a pulsão de morte como uma pulsão de direito. Não apenas com a sua energia própria, mas também com seu devir metapsicológico particular, específico. Se o consegue ou não, não interessa para nossa discussão. Interessa estar atento ao que, **de novo**, Freud se esforça por captar. Sob o risco de não encamparmos a tese básica do A.P.P.: que o princípio do prazer foi destronado, que outro princípio o superou.

Vejamos como Freud se exprime no “Esquema da Psicanálise” (1938), numa formulação que tanto diz respeito à energia pulsional de Tanatos quanto a seus destinos possíveis (não esqueçamos que a repressão é um destino de pulsão):

“(…) a energia íntegra disponível de Eros, que a partir de agora chamaremos libido... serve para neutralizar as inclinações de destruição simultaneamente presentes. (Carecemos de um termo análogo a “libido” para a energia da pulsão de destruição.). Em estados posteriores resulta-nos relativamente fácil perseguir os

destinos da libido: isso é mais difícil no que se refere à pulsão de destruição”¹⁹.

Em vista disso, não vemos como manter as afirmativas peremptórias de Laplanche, nos dois aspectos mencionados.

Um terceiro aspecto é o relativo à questão da agressividade. Laplanche afirma que não devemos adotar o termo pulsão de morte, “dotando-o de um conteúdo (por exemplo, agressividade) que não responde nem às experiências visadas por Freud nem à função da noção no equilíbrio geral do pensamento freudiano”²⁰. Vimos acima o quanto o M.E.C. faz com que Freud derive diretamente a agressividade, a destrutividade, o ódio, da nova pulsão de morte, o quanto os faz decorrer dessa pulsão que estaria subjacente. Já na construção teórica proposta por Laplanche, aquela agressividade voltada ao exterior não é mais considerada um referente da pulsão de morte. Dessa forma, teoria da agressividade e teoria da pulsão de morte tornam-se de novo coisas separadas. Justamente aquela “simplificação sem coações”, que Freud acreditava ter conseguido ao fundir agressividade e pulsão de morte num mesmo movimento teórico, é deixado de lado aqui.

A questão é: se a pulsão de morte não tem energia própria; se não tem um destino metapsicológico próprio; se a agressividade humana não é a pulsão de morte em ação(...) teremos que nos perguntar se de fato se pode pensar numa pulsão diferente e oposta à pulsão sexual.

Por essa via, Laplanche argumenta que a pulsão de morte é apenas pulsão sexual:

“Por isto, em 1919, a necessidade de afirmar algo que se perdeu, isto é, a sexualidade não ligada, que poderíamos chamar “desligada” no sentido da pulsão(...) portanto(...) seu aspecto demoníaco, sujei-

tado ao processo primário e à compulsão à repetição. A partir daí, a sexualidade encontra-se como que desmembrada entre estes dois aspectos, que por fim serão reagrupados por Freud sob os termos de pulsões de vida, ou Eros, e pulsões de morte”²¹.

Percebemos logo que, assim definida, a pulsão de morte fica totalmente “expurgada” daquela destrutividade radical que Freud tematiza no M.E.C. Assim definida, a pulsão de morte não nos serve mais para falar sobre Gengis Khan ou a guerra do Golfo. Não há, nesta forma de ver a pulsão de morte, nada daquela “destruição não erótica” que Freud se surpreende de ter desconsiderado por tantos anos.

Consoante com isso, Laplanche só vê como “demoníaco” aquilo que concerne à sexualidade. Mas é fora de dúvida que quando Freud usa a expressão “um viés demoníaco no vivenciar” no A.P.P. não está falando somente das mil e uma metamorfoses do desejo sexual. Não é o exemplo da repetição de sonhos na neurose traumática o que Freud isola como o exemplo mais claro da compulsão à repetição?

Por esse prisma é que a argumentação de Laplanche nos parece redutora com respeito à “novidade” que implica a pulsão de morte. Para dizê-lo rapidamente, fica a impressão de que para ele as coisas se passam como desde as origens da psicanálise vinham sendo encaminhadas, e a pulsão de morte é reduzida a um “retoque” da primeira dualidade pulsional. Não é nessa linha que se inscreve uma formulação como aquela em que Laplanche afirma que as duas dualidades pulsionais “não substituem umas às outras, mas se completam”?²² Ou ainda quando diz que com a pulsão de morte se reafirma, “com mais força e nitidez do que nunca, uma dimensão presente desde os inícios da experiência

analítica?” Em todo caso, se assim for haverá que concluir que Freud não o percebeu.

Se assim fosse, por que Freud teria dado essa violenta guinada em 1920, guinada mal entendida e mal recebida até mesmo entre seus discípulos mais chegados, mas guinada que Freud faz questão de manter? Não está posto aí com clareza que apareceu alguma coisa irredutível à teorização anterior, à dualidade pulsional pré-1920?

Notas Bibliográficas.

1. Freud, S. “**Além do Princípio do Prazer**”, in Obras Completas, Vol. XVIII, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989, (daqui em diante designado por A.P.P.)
2. op. cit., p.23 — (Grifo dos autores.)
3. cp. cit., p. 24.
4. García-Roza, Luis Alfredo. **O Mal Radical em Freud**, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.
5. cp. cit., p. 24.
6. Freud, S. **O Mal-Estar na Cultura**, in Obras Completas, Vol. XXI, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989, (daqui em diante designado por M.E.C.)
7. cp. cit. p. 108-109.
8. Freud, S. “**Carta a Einstein**” in Obras Completas, vol. XXII Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989, p. 192
9. op. cit. p. 117.
10. Freud, S. “**As Pulsões e suas Vicissitudes**” in Obras Completas, vol. XIV, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989.
11. cp. cit. p. 113-114 (Grifo dos autores.)
12. Laplanche, J./ Pontalis J.B. **Vocabulário da Psicanálise**, Martins Fontes Editora, 7ª Edição, São Paulo, 1983, p. 531.
13. Freud, S. “**O Ego e o Id**”, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989. Vol. XIX, p. 47
14. Laplanche, J. **Vida e Morte em Psicanálise**, Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.
15. cp. cit. p. 117, Grifo dos autores.
16. Freud, S. “Fragmentos da Correspondência com Fliess”, in Obras Completas, Amorrortu Editores, Vol. I p. 301 carta 69.
17. Laplanche, J. “**A pulsão de morte na teoria**”, in A Pulsão de Morte, Escuta, São Paulo, 1988. p. 24.
18. cp. cit. p. 134 (Grifo dos autores.)
19. Freud S. “**Esquema da Psicanálise**”, in Obras Completas, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1989, p. 147.
20. Laplanche, J. op. cit., p. 15.
21. Idem, cp. cit. p. 23.
22. Idem, op. cit., p. 20.